

Magias Africanas

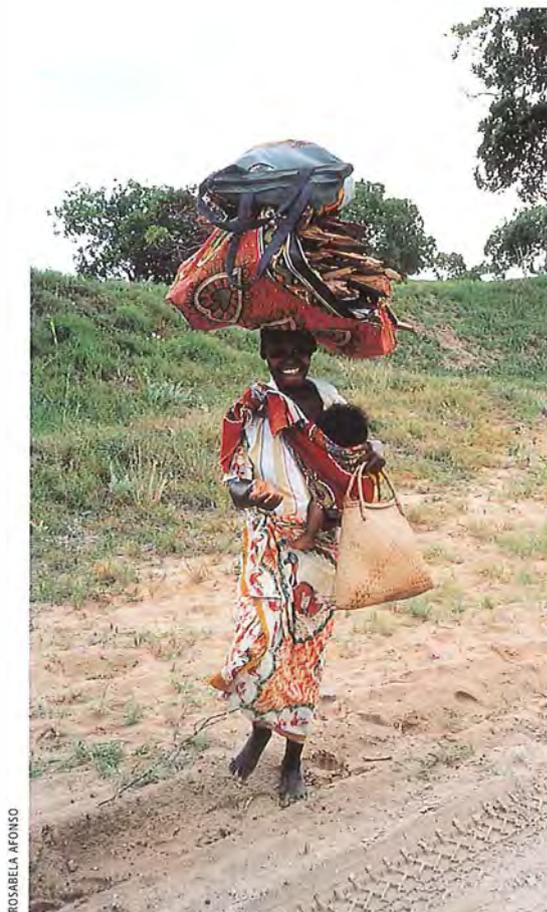
Rosabela Afonso

ÁFRICA NÃO SE EXPLICA. SENTE-SE. SENTE-SE NA alma, toca por dentro de quem a visita. As sensações invadem-nos e penetram através da pele, dos cheiros, das cores, dos sons e do brilho iluminado dos negros olhos dos naturais dos países de terra vermelha e das árvores frondosas de raízes descarnadas.

África também não se mostra. Como mostrar a alguém a emoção sentida quando se assiste a um inigualável nascer ou pôr-do-sol? Não existe equipamento capaz de transmitir essa e outras emoções. Esse e outros estados de alma. Como mostrar a pequenez que sentimos perante os grandes espaços? Como mostrar o inebriamento sentido ao observar a delicadeza dos frutos, a esperança sentida em cada verde da vegetação africana, o prazer sentido quando cheira a mar, a terra molhada, ou mesmo a especiarias no mercado? A Natureza, esmagadora, na sua reivindicação de respeito, do respeito que lhe devemos e muitos esquecem.

É sobre esta fusão de cores, cheiros e prazeres que gostaria de reflectir um pouco. Porque é fácil aos sentidos deixarem-se inebriar e apaixonar pela terra e pelas gentes de largo e caloroso sorriso. E da paixão surge a miscegenação e da miscegenação a troca de culturas ou, melhor dizendo, o enriquecimento de cada cultura pelas demais. E os portugueses foram mestres na arte de bem amar África e os seus povos e disso é testemunho, entre outros, a bela cidade de Maputo – ampla, virada para o futuro e para o Índico – bem traçada, linda na sua arquitectura, futurista na sua grandeza, verde e vermelha conforme os caprichos da Natureza. As acácias, verdes no Inverno, ficam garridas e arrogantes no seu vermelho vivo dos meses de calor.

E nesta cidade, exemplo maior da multiplicidade de culturas, eu vivi mais de um ano. Vivi e senti o calor de um povo rico nas suas tradições, nos seus usos e costumes e que tem uma História comum com um outro país. Distante.



De outro continente. Por acaso europeu. Por acaso de reduzidas dimensões. Chamado Portugal. Será acaso?

Que outro povo terá vivido com tanta emotividade a sua expansão? Que outro povo terá bebido com tanta paixão as diversas culturas encontradas? Que outro povo terá deixado o rasto do fado por terras africanas e transportado mornas e marrabentas?

Gostaria de saber explicar o que se sente em África. Gostaria de saber explicar o carinho, o afago, sentido no português, arrastado e quente, falado em África. Gostaria de poder transmitir o êxtase sentido numa madrugada de Maio na

praia da Barra, quando o sol nascia e o céu chorava pela noite que se despedia. Gostaria... gostaria mesmo muito... de ser capaz de transportar para o papel, de traduzir em palavras o que se sente ao percorrer a ativa Ilha de Moçambique. Decadente nas suas ruínas, demasiado evidentes para que ninguém se condoa, mas de uma altivez impressionante. Qual grande dama, padecendo hoje de pouca saúde, o que em nada alterou a beleza e a dignidade que a fez ser cantada por poetas como Rui Knopfli.

Impossível, impossível de descrever o denoso movimentar das mãos e dos corpos das mulheres da Ilha de Moçambique. Nítida miscigenação de povos vários, fruto das rotas marítimas de cujos naufrágios ainda hoje vive o artesanato local. Das maluatas, que sonorizam o movimentar dos pés, aos demais e variadíssimos artefactos que ornamentam as belas e famosas, por tal razão, mulheres da Ilha.

E Marracuene? Quanta História... quantas histórias... As mulheres que aqui vendem os seus frutos, da terra e do mar. Quantas angústias? Quanto amar? E os meninos que nos oferecem desenhos, flores e esculturas. Esculturas, pois claro! De folhas de palmeira, mas esculturas. Pena serem tão efémeras. Quem dera tê-las guardado todas.

O António, de todos o mais cativante, trazia-me sempre desenhos do jeep, com logotipo e tudo. Quem sabe se uma vocação perdida. Prometi-lhe uns lápis. Ainda não cumpri. Cumprirei.

Mas estes meninos, estas mulheres, este povo, que ama e vive as suas tradições, tem parte da sua História comum à nossa e fala português. E esta riqueza, este afecto, esta comunhão, tem de sobreviver aos flagelos, à menoridade de alguns homens, às fraquezas de outros e à fragilidade de quase todos. Nem que seja para, unidos pela mesma língua, podermos dizer que não temos como dizer o que muito gostaríamos de dizer, descrever ou mostrar.